

A garota que eu quero



# A GAROTA QUE EU QUERO

Markus Zusak

Tradução de Vera Ribeiro



*Um obrigado especial a Anna McFarlane,  
por sua confiança em meu trabalho de escritor.*

Copyright © Markus Zusak 2001  
Todos os direitos reservados.

TÍTULO ORIGINAL  
*Getting the Girl*

REVISÃO  
Shirley Lima  
Janaina Senna

DIAGRAMAÇÃO  
Ilustrarte Design e Produção Editorial

CAPA  
Mariana Newlands

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Z93g

Zusak, Markus, 1975-

A garota que eu quero / Markus Zusak ; tradução Vera Ribeiro. -

1. ed. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2013.

176 p. ; 23 cm.

Tradução de: *Getting the Girl*  
ISBN 978-85-8057-373-2

I. Romance australiano I. Ribeiro, Vera. II. Título.

13-01747

CDD: 828.99343  
CDU: 821.111(436)-3

[2013]

*Todos os direitos desta edição reservados à*  
EDITORA INTRÍNSECA LTDA.  
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar  
22451-041 — Gávea  
Rio de Janeiro — RJ  
Tel./Fax: (21) 3206-7400  
www.intrinseca.com.br

*Para Scout,  
e para mamãe e papai.*



# 1

Foi ideia da namorada do Rube fazer os picolés de cerveja, não minha.

Vamos começar por aí.

Foi um acaso ter sido eu quem saiu perdendo por causa disso.

Sabe, sempre achei que mais cedo ou mais tarde eu ia crescer, mas isso ainda não tinha acontecido. Simplesmente era assim.

Para ser sincero, eu me perguntava se algum dia chegaria a hora de Cameron Wolfe (esse sou eu) se dar bem. Imaginara um eu diferente. Era diferente porque, naqueles momentos, eu achava que realmente me tornaria um vencedor.

A verdade, porém, era dolorosa.

Era uma verdade que me dizia, com uma brutalidade interna contundente, que eu era eu e que vencer não vinha naturalmente para mim. Era algo pelo qual tinha que lutar, nos ecos e nas pegadas trilhadas da minha mente. De certo modo, eu tinha que garimpar esses momentos de satisfação.

Eu me masturbava.

Um pouquinho.

Certo.

Certo.

Muito.

(Já me disseram que não se deve admitir esse tipo de coisa muito cedo, porque as pessoas podem se ofender. Bem, tudo que posso dizer é: por que diabos não? Por que não dizer a verdade? Caso contrário, isso tudo não tem sentido, tem?

Tem?)

Eu queria apenas ser tocado por uma garota, um dia. Queria que ela não me olhasse como se eu fosse um perdedor imundo, rasgado, meio risonho e meio carancudo que tentava impressioná-la.

Os dedos dela.

Na minha cabeça, eles eram sempre suaves, descendo pelo peito até minha barriga. As unhas correriam por minhas pernas, bem de leve, enchendo minha pele de arrepios. Eu sempre imaginava isso, mas me recusava a crer que fosse pura questão de tesão. E posso dizer isso porque, nos meus devaneios, as mãos da garota paravam sempre no meu coração. Todas as vezes. Eu dizia a mim mesmo que era *ali* que queria que ela me tocasse.

Havia sexo, é claro.

Nudez.

Sempre presente, entrando e saindo dos meus pensamentos.

Mas, quando acabava, era pela voz murmurante dela que eu ansiava, e por um ser humano enroscado em meus braços. Só que, para mim, não era apenas uma porção de realidade. Eu estava engolindo visões e me espojando em minha própria mente, com a sensação de que poderia me afogar, satisfeito, dentro de uma mulher.

Nossa, como eu queria isso.

Queria me afogar dentro de uma mulher, no sentimento e no enlevo do amor que poderia lhe dar. Queria que a intensidade da pulsação dela me esmagasse. Era isso que eu queria. Era isso que eu queria ser.

Mas.

Não era.

As únicas provinhas que eu conseguia eram uma olhadela aqui e outra ali, e minhas esperanças e visões dispersas.

Os picolés de cerveja.

É claro.

Eu sabia que estava esquecendo alguma coisa.

Tinha sido um dia quente para o inverno, embora o vento continuasse frio. O sol estava quente e meio pulsante.

Estávamos sentados no quintal, ouvindo o programa das tardes de domingo sobre futebol americano e, com toda a franqueza, eu olhava para as pernas, os quadris, o rosto e os seios da namorada mais recente do meu irmão.

O irmão em questão é o Rube (Ruben Wolfe) e, no inverno de que estou falando, ele parecia ter uma nova namorada a cada poucas semanas. Às vezes eu os ouvia, quando estavam no nosso quarto — um chamado ou grito, um gemido ou até um sussurro de êxtase. Eu tinha gostado da última namorada dele desde o começo, lembro bem. O nome dela era bonito: Octavia. Era artista de rua, além de simpática, comparada a algumas das vadiazinhas que o Rube havia levado para casa.

Nós a conhecemos no porto, em uma tarde de sábado no fim do outono — ela estava tocando gaita, com uma jaqueta velha estendida a seus pés na qual as pessoas jogavam trocados. Havia um monte de dinheiro nela, e Rube e eu ficamos assis-



tindo, porque ela era muito boa mesmo e arrebatava com aquela gaita. Às vezes as pessoas ficavam por perto e aplaudiam quando ela terminava. Até o Rube e eu jogamos dinheiro na jaqueta a certa altura, logo depois de um velhote de bengala e pouco antes de uns turistas japoneses.

Rube olhou para ela.

Ela olhou para ele.

Em geral, era só o que precisava, porque aquele era o Rube. Meu irmão nunca tinha que realmente dizer nem fazer nada. Bastava ficar parado em algum lugar, ou se coçar, ou até mesmo tropeçar no meio-fio, e alguma garota começava a gostar dele. Era assim com todas, e foi assim com a Octavia.

— E aí, onde você mora? — perguntou Rube.

Lembro-me do verde-mar dos olhos dela elevando-se naquele momento. Rube já ganhara a garota, eu sabia.

— Na zona sul, em Hurstville. E você?

Rube virou-se e apontou.

— Sabe aquelas ruas feias depois da Estação Central?

Ela fez que sim.

— Bom, é lá que nós moramos.

Só o Rube poderia fazer aquelas ruas horrorosas parecerem o melhor lugar do mundo — e, com aquelas palavras, ele e Octavia tinham começado.

Uma das melhores coisas na Octavia era que ela realmente reconhecia a minha existência. Não me olhava como se eu fosse um obstáculo entalado entre ela e o Rube. Sempre perguntava: “Como vão as coisas, Cam?”

A verdade é que...

O Rube nunca amou nenhuma delas.

Nunca se importou com elas.

Só as queria por serem as próximas, e por que não ficar com a próxima se era melhor que a anterior?

Nem é preciso dizer que Rube e eu não somos muito parecidos em matéria de mulher.

Mesmo assim.

Eu sempre gostei da Octavia.

Gostei quando entramos em casa naquele dia, abrimos a geladeira e vimos uma sopa de três dias, uma cenoura, um treco verde e uma lata de cerveja lá dentro. A gente se inclinou e ficou olhando fixamente.

— Perfeito.

Isso foi o Rube quem disse, em tom sarcástico.

— O que é *aquilo*? — perguntou Octavia.

— O quê?

— Aquela coisa verde.

— Não faço a mínima ideia.

— Um abacate?

- Grande demais — observei.
- *Que diabo é aquilo?* — perguntou Octavia de novo.
- *Quem se importa?* — intrometeu-se Rube.

Estava de olho na cerveja. O rótulo era a única coisa verde para a qual olhava fixamente.

— É do papai — disse eu, ainda fitando a geladeira.

Nenhum de nós se mexeu.

— E daí?

— Daí que ele foi ver o jogo de futebol americano do Steve com a mamãe e a Sarah. Pode querer tomar uma cerveja quando chegar.

— É, mas ele também pode comprar mais no caminho.

O seio de Octavia roçou no meu ombro quando ela se virou e saiu andando. Foi tão agradável que me fez estremecer.

Imediatamente, Rube esticou a mão e pegou a cerveja:

— Vale a pena arriscar — declarou. — De qualquer jeito, o velho tem andado de bom humor nos últimos dias.

Ele tinha razão.

Um ano antes ele estava bem chateado por ter perdido o emprego. Agora tinha bastante trabalho e, em um ou outro sábado, me pedia para ajudá-lo. Rube também. Meu pai é bombeiro hidráulico.

Sentamos à mesa da cozinha, os três.

Rube.

Octavia.

Eu.

E a cerveja, suando no centro da mesa.

— Bem?

A pergunta foi do Rube.

— Bem o quê?

— Bem, que diabos vamos fazer com essa cerveja, seu idiota?

— Vamos ficar calminhos, tá legal?

Todos demos sorrisos tortos.

Até a Octavia sorriu, porque já estava acostumada com o jeito que Rube e eu falamos um com o outro, ou, pelo menos, o jeito que Rube fala comigo.

— Vamos dividir em três? — continuou ele. — Ou cada um toma um gole?

Foi então que Octavia teve a grande ideia.

— *Que tal fazermos picolés de cerveja?*

— Isso é uma piada de mau gosto? — perguntou Rube.

— É claro que não.

— Picolés de cerveja? — Rube deu de ombros e pensou um pouco. — Bem, acho que sim. Está bem quente, não é? Nós temos um daqueles troços de plástico para fazer picolé? Você sabe, com os pauzinhos?

Mas Octavia já investigava os armários, e encontrou o que estava procurando.

— Na mosca.

Sorriu (e tinha uma boca adorável, com dentes certinhos, brancos, sensuais).

— Está bem.

Agora a coisa era séria.

Rube abriu a cerveja e já ia servi-la, em quantidades iguais, é claro.

Interrupção.

Eu.

— Não devíamos lavar essas formas ou sei lá o quê?

— Por quê?

— Bom, elas provavelmente passaram uns dez anos nesse armário.

— E daí?

— Daí que devem estar todas mofadas e nojentas e...

— Será que eu posso servir a porcaria da cerveja?

Todos rimos de novo, tensos, e por fim, com muito cuidado, Rube serviu três porções iguais de cerveja nas formas de picolé. Prendeu os palitos em cada forma de modo que ficassem de pé.

— Certo. Graças a Deus por isso — disse ele, andando lentamente para a geladeira.

— No congelador — recomendei.

Rube parou no meio do caminho, virou-se para trás devagar, com cuidado, e disse:

— Você me acha mesmo ridículo o bastante para pôr uma cerveja que acabei de tirar da geladeira, e de servir em formas de *picolé*, de volta na geladeira?

— Nunca se sabe.

Ele se virou de novo e continuou andando.

— Octavia, abra o congelador, sim?

Ela o fez.

— Obrigado, querida.

— Sem problemas.

E então era só uma questão de esperar os picolés endurecerem.

Passamos um tempo sentados na cozinha até Octavia perguntar — para Rube:

— Está a fim de fazer alguma coisa?

Com a maioria das garotas, essa seria a minha deixa para cair fora. Mas, com Octavia, eu não tinha certeza. Mesmo assim, fui saindo.

— Aonde você vai? — perguntou Rube.

— Não sei.

Saí da cozinha, peguei minha jaqueta para mais tarde e fui para a varanda da frente. Já quase lá fora, mencionei:

— Talvez à pista de corridas de cães. Talvez só dar umas voltas por aí.

— Tudo bem.

— Até logo, Cam.

Com uma última olhada para Rube e Octavia, percebi o desejo nos olhos deles. Octavia desejava Rube. O desejo de Rube era por uma garota, só isso. Bem simples, na verdade.

— Até — respondi, e fui embora.  
A porta de tela bateu atrás de mim.  
Meus pés se arrastaram.  
Vesti um braço da jaqueta, depois outro.  
Mangas quentes.  
Colarinho amarrotado.  
Mãos nos bolsos.  
Tudo certo.  
Saí andando.

A noite logo tomou o céu e a cidade se encolheu. Eu sabia aonde estava indo. Sem saber, sem pensar, sabia. Ia à casa de uma garota. Uma garota que eu conheceria no ano anterior, na pista de corrida de cães.

Ela gostava.  
Ela gostava.  
Não de mim.  
Gostava do Rube.

Tinha até me chamado de perdedor uma vez, quando estava conversando com ele, e eu entreouvi meu irmão dar-lhe um fora e empurrá-la para longe.

O que eu fazia naqueles tempos era ficar parado em frente à casa dela, do outro lado da rua. Ficava lá, olhava, vigiava e torcia. E ia embora, depois que as cortinas ficavam fechadas por algum tempo. O nome dela era Stephanie.

Naquela noite, na qual hoje penso como a noite dos picolés de cerveja, fiquei lá, olhando fixamente, um pouco mais que de costume. Parado, imaginei-me indo para casa com ela e abrindo a porta para ela. Imaginei com afinco, até que uma dor funda me virou pelo avesso.

Fiquei ali.  
A alma do lado de fora.  
A carne do lado de dentro.  
— Enfim.

Era uma boa caminhada, porque ela morava em Glebe, e eu, mais perto da Central, em uma ruazinha com bueiros desnivelados e uma linha de trem passando ali perto. Mas eu estava acostumado — com a distância e com a rua. De certo modo, na verdade sinto orgulho de onde venho. Da casa pequena. Da família Wolfe.

Muitos minutos se arrastaram enquanto eu voltava para casa e, quando vi o pequeno furgão do meu pai na nossa rua, cheguei a sorrir.

As coisas vinham mesmo correndo bem para todo mundo, ultimamente.

Para Steve, meu outro irmão.

Para Sarah, minha irmã.

Para a Sra. Wolfe — a resiliente Sra. Wolfe, minha mãe, que faz faxina em casas e no hospital para ganhar a vida.

Para Rube.  
Para o papai.

E para mim.

Por alguma razão, ao voltar para casa naquela noite, eu me sentia tranquilo. Feliz pela minha família inteira, porque as coisas realmente pareciam estar indo bem para ela. Para todos os meus familiares.

Um trem passou a toda, e eu tive a sensação de ouvir a cidade inteira nele.

Veio na minha direção e depois deslizou para longe.

As coisas sempre parecem deslizar para longe.

Chegam até a gente, ficam por um momento e tornam a partir.

Naquele dia, o trem pareceu um amigo e, quando foi embora, senti alguma coisa dentro de mim tropeçar. Estava sozinho na rua e, embora continuasse sereno, a breve felicidade havia acabado e uma tristeza me dilacerou, bem devagar e com determinação. As luzes da cidade brilharam no ar, estendendo-me os braços, mas eu sabia que elas nunca me alcançariam de verdade.

Recompus-me e entrei na varanda da frente. Dentro de casa, estavam falando de picolés e do caso da cerveja desaparecida. Na verdade, eu estava ansioso para tomar a minha parte, embora jamais consiga terminar uma lata ou garrafa inteiras de cerveja. (Simplesmente perco a sede, ao que Rube disse, certa vez: “Eu também, cara, mas continuo bebendo mesmo assim.”) Mas a ideia do picolé era pelo menos meio interessante, e eu estava pronto para entrar e experimentar.

— Eu ia tomar aquela cerveja quando chégássemos — ouvi meu pai dizer, pouco antes de entrar em casa. Havia um toque de maldade em sua voz. — E de quem foi a brilhante ideia de fazer picolés com a *minha* cerveja, quer dizer, minha última cerveja, aliás? De quem foi?

Houve uma pausa.

Uma longa pausa.

Silenciosa.

E então, finalmente, veio a resposta, no momento em que entrei na casa.

— Minha.

A única pergunta é: quem tinha falado?

Rube?

Octavia?

Não.

Fui eu.

Não me pergunte por quê, mas eu não quis que Octavia levasse uma surra (verbal, é claro) de Clifford Wolfe, meu pai. Era provável que ele fosse todo gentil com ela, mas, mesmo assim, não valia a pena arriscar. Era muito melhor ele acreditar que tinha sido eu. Estava acostumado a me ver fazer coisas ridículas.

— Por que será que não estou surpreso? — perguntou ele, virando-se para mim com os picolés nas mãos.

Sorriu.

O que foi bom, pode crer.

Depois ele deu uma risada e disse:

— Bem, Cameron, nesse caso, você não se importa se eu tomar o seu, não é?

— É claro que não.

A gente sempre diz é claro que não em situações assim, porque entende bem depressa que, na verdade, o velho está perguntando: “Posso tomar o picolé, ou devo fazer você sofrer de outras cem maneiras diferentes?” É claro que não vou arriscar.

Os picolés foram distribuídos, e Octavia e eu trocamos um sorrisinho, depois fiz o mesmo com Rube, que me estendeu seu picolé.

— Quer um pedaço? — perguntou, mas recusei.

Saí da sala, ouvindo meu pai dizer:

— Até que é bem gostoso.

Cretino.

— Aonde você foi? — perguntou-me Rube no nosso quarto, mais tarde, depois que Octavia foi embora.

Estávamos deitados nas nossas camas, conversando, cada qual em um lado do quarto.

— Só dei umas voltas por aí.

— Lá para os lados de Glebe?

Olhei para ele e perguntei:

— O que isso significa?

— Significa — prosseguiu Rube com um suspiro — que um dia Octavia e eu seguimos você, só por curiosidade, e o vimos em frente a uma casa, olhando pela janela. Você é um cara meio solitário, não é?

Na hora, os momentos se contorceram e se enroscaram, e ouvi o trânsito ao longe, roncando quase em silêncio. Longe daquilo tudo. Longe de Cameron Wolfe e Ruben Wolfe discutindo que diabo eu fazia em frente à casa de uma garota que não me dava a menor bola.

Então engoli em seco, respirei fundo e respondi a meu irmão:

— É, acho que sou.

Não havia mais nada que eu pudesse dizer. Não havia como disfarçar. Houve só um ligeiro momento de espera, verdade e sentimento, depois uma ruptura, e continuei:

— É aquela garota, a Stephanie.

— Aquela vadia — xingou Rube.

— Eu sei, mas...

— Eu sei — interrompeu ele. — Não faz diferença se ela disse que detestava você ou se o chamou de perdedor. A gente sente o que sente.

A gente sente o que sente.

Era uma das maiores verdades que o Rube já tinha dito, pouco antes de uma quietude sufocar o quarto.

No quintal da casa vizinha, ouvimos um cachorro latir. Era Miffy, um deplorável lulu-da-pomerânia que adorávamos detestar, mas que, mesmo assim, ainda levávamos para passear algumas vezes por semana.

— Parece que o Miffy está meio aborrecido — observou Rube, depois de algum tempo.

— É.

Ri um pouco.

*Um cara meio solitário. Um cara meio solitário...*

A afirmação do Rube reverberou dentro de mim até sua voz parecer um martelo.

Mais tarde, quando me levantei e sentei na varanda e assisti às sombras do trânsito passarem, disse a mim mesmo que tudo bem ser assim, desde que eu continuasse faminto. Parecia haver uma coisa brotando dentro de mim. Era algo que eu não via, nem conhecia ou entendia. Simplesmente estava lá, misturando-se no meu sangue.

Muito depressa, muito repentinamente, palavras despencaram pela minha mente. Aterrissaram no piso dos meus pensamentos e lá, lá embaixo, comecei a catá-las. Eram excertos de verdade recolhidos do meu interior.

Mesmo à noite, na cama, elas me acordaram.

Pintaram-se no teto.

Gravaram-se a fogo nos lençóis da memória estendidos na minha mente.

Quando acordei, no dia seguinte, escrevi-as em um papel rasgado. E, para mim, o mundo mudou de cor naquela manhã.





A S P A L A V R A S D E  
C A M E R O N

*Nada vem fácil para um ser humano como eu.*

*Isto não é uma queixa.*

*É só uma verdade.*

*O único problema é que agora tenho visões derramadas no chão da minha mente. Tenho palavras lá dentro que estou tentando fazer com que saiam. Tentando escrever.*

*Palavras que vou escrever para mim.*

*Uma história pela qual vou lutar.*

*E assim começa...*

*É noite e caminho pela cidade da minha mente. Por ruas e becos. Por entre prédios que estremecem. Por entre casas recurvadas, com as mãos nos bolsos.*

*Ao passar por essas ruas, às vezes tenho a sensação de que elas é que andam por mim. Os pensamentos dentro de mim parecem sangue.*

*Eu ando.*

*Percebo.*

*Para onde estou indo?, pergunto a mim mesmo.*

*O que estou procurando?*

*Mas continuo a andar, e me aprofundo mais na direção de um lugar desconhecido nesta cidade. Sou atraído para ele.*

*Passo por carros feridos.*

*Desço escadas mal iluminadas.*

*Até chegar lá.*

*Sinto.*

*Sei.*

*Sei que encontrei meu cerne em uma ruela batida por sombras, em um beco em algum lugar deste lugar.*

*No fundo, alguma coisa espera.*

*Dois olhos brilham.*

*Engulo em seco.*

*Meu coração me bate.*

*Então continuo andando, para descobrir o que é...*

*Passo.*

*Batida do coração.*

*Passo.*